

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

RESENHA REFLEXÕES E PERSPECTIVAS SOBRE FRONTEIRAS NACIONAIS/INTERNACIONAIS A PARTIR DO LIVRO “COMUNICAÇÃO, CULTURA E FRONTEIRAS”

Tabita Strassburger

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n.1, Agosto, 2016.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/59823>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - Agosto, 2016.
Associação dos Geógrafos Brasileiros
Seção Porto Alegre, RS, Brasil.

RESENHA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS SOBRE AS FRONTEIRAS NACIONAIS/INTERNACIONAIS A PARTIR DO LIVRO “COMUNICAÇÃO, CULTURA E FRONTEIRAS”

Tabita Strassburger

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

tabita.strassburger@gmail.com

O livro “Comunicação, cultura e fronteira” foi organizado pelas professoras doutoras Vera Lucia Spacil Raddatz e Karla Maria Müller, pesquisadoras com trajetórias interessadas nas fronteiras do Brasil a partir de múltiplos ângulos. Dividida em três sessões, além de uma apresentação densa e profunda, a obra possui nove artigos e conta com a participação de doze autores brasileiros de sete universidades do país. No decorrer do texto, distintas perspectivas são oferecidas aos leitores, contribuições que perpassam as temáticas postas pelo título, entrelaçadas por questões históricas, fenômenos identitários, práticas socioculturais, articulações linguísticas, movimentos migratórios, aspectos comunicacionais e midiáticos.

As problematizações são resultado de pesquisas desenvolvidas a partir de diferentes objetos e contextos – meios de comunicação e vivências interpessoais, fronteiras do Brasil com Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Venezuela, entre outras regiões limítrofes que extravasam a situação latino-americana. Bem como de olhares que compreendem esses espaços enquanto caracterizados pela pluralidade de experiências e manifestações simbólicas e concretas. Por mais que a fronteira possa ser associada à separação, a leitura do texto assinala a riqueza que essas realidades oferecem no sentido das aproximações e do contato entre os povos e países vizinhos, nos intercâmbios diários entre os habitantes do lugar.

A publicação contempla noções e conceitos abertos, instáveis, perenes e inconclusos. A referência à “fronteira”, por exemplo, possibilita múltiplas interpretações, relacionadas a distintos campos do conhecimento – Geografia,

Antropologia, Sociologia, Relações Internacionais, Filosofia, História, Comunicação, entre outros. Ainda assim, como afirma o pesquisador Tito Carlos Machado de Oliveira, na apresentação “Fronteiras de Comunicação: movimentos, sentidos e semblantes”, as elaborações trazidas conseguem desenvolver a complexidade da problemática fronteira de maneira simples e compreensível, mas sem pecar por reducionismos. Além disso, apesar da proximidade – e até paixão – dos autores com as fronteiras, o debate acadêmico e científico é mantido, sem resvalar na romantização ou tender ao extremo da negação da riqueza dessas regiões (como costuma ser representado no âmbito da mídia nacional).

A importância da contextualização para o processo de pesquisa se mostra evidente em cada texto que compõe o livro. Também está explícita a imprescindibilidade de adentrar o campo, vasculhar as realidades investigadas, compreender suas nuances, mostrar para os leitores as particularidades apresentadas por cada espaço fronteiro analisado. Fazer uso de informações da história do lugar, de seus contextos sociais, políticos, econômicos, geográficos, culturais, considerar determinadas relações de poder que se estabelecem no tempo, interpretar dados contemporâneos, inter-relacionando-os com aspectos anteriores. Tudo isso importa ao pesquisador.

No decorrer da obra, as diferentes circulações que ocorrem regularmente no cenário fronteiro vão aparecendo – o fluxo de pessoas, bens, produtos, representações, culturas, informações, moedas, palavras, simbologias. Também, a tendência que os sujeitos possuem à integração, devido ao convívio e todo tipo de compartilhamento, e a naturalidade das práticas vivenciadas pelos habitantes do lugar em atividades “transgressoras” ligadas à sobrevivência dos povos e a suas negociações, ora favoráveis a um, ora a outro.

Em contrapartida, está indicada a ambivalência da globalização, em que, ao mesmo tempo, a liberdade dos sujeitos é afirmada e aclamada, e crescem movimentos que restringem a mobilidade humana e ampliam o controle de barreiras impostas ao trânsito dessas pessoas. É certo que as fronteiras não são estáticas, pelo contrário, estão em constante movimento de redefinição e negociação, são lugares de trocas culturais, experimentações, porosidade, com dinâmicas peculiares de interação e, ao mesmo tempo, processos de exclusão e conflitos. Sobre tudo isso discorre a obra.

Na primeira parte, *Fronteiras históricas e culturais*¹, o leitor transita no tempo, voltando ao passado para compreender as origens dos limites geográficos meridionais, com marcas que são manifestas até hoje – e vão muito além do traçado das divisas. E também se move no espaço, atentando ao presente para discutir a linguagem na fronteira platina, pelos falares em português, espanhol e guarani, e as dinâmicas envoltas na realidade do movimento migratório de haitianos no Brasil, com base nos estudos da comunicação, consumo e usos midiáticos.

A complexidade das demarcações fronteiriças fica evidente já no texto inicial que relata, com detalhes históricos, geográficos, políticos e sociais, como a configuração geográfica contemporânea foi sendo definida a partir de inúmeras intervenções nacionais e internacionais, por meio de avanços e recuos nas linhas estabelecidas. Especificamente, no caso do Brasil meridional, a conquista e ocupação tiveram implicações ligadas às características hidrográficas, devido às bacias que se constituíam em referências demarcatórias desse espaço.

Tratados, confrontos, acordos, lutas, expulsão de povos originários, enfrentamentos com fins e intensidades múltiplos, interferências e dinâmicas que alteraram de maneira profunda aspectos culturais e sociais das regiões. Importa ressaltar que tais articulações não ficam estáticas no tempo, mas se perpetuam pela história, constroem-se, mesclam-se, em novos lugares e em sociedades que se reconfiguram constantemente – semelhante ao que ocorre com as línguas e suas transformações.

As reflexões sobre as fronteiras culturais estão diretamente relacionadas à questão linguística e às formas como os idiomas são acionados nos usos da comunicação e das mídias. As línguas trazem tanto a possibilidade de divisão e diferenciação, quanto de continuidade e encontro, dependendo do enfoque, da situação, do interesse dos envolvidos, entre outros. Em geral, no espaço limítrofe, as trocas linguísticas são práticas que se estabelecem cotidianamente e de maneira praticamente incontrollável, pois essas diferentes articulações circulam pelos territórios, entre os habitantes do lugar, extrapolando as linhas instituídas.

Mesmo que as dinâmicas da linguagem pareçam simples, posto que se fazem corriqueiramente, estão inseridas em processos políticos e relações de poder – por exemplo, a partir dos usos sociais produzidos e do imaginário que

1 Apresenta os artigos *As fronteiras das águas do Brasil meridional*, de Tau Golin; *Línguas e imaginário na fronteira platina*, de Andréa Weber e Eliana Sturza; e *Brasil e Haiti: redesenhando fronteiras e alteridades nas interações entre mídia e imigração haitiana*, de Denise Cogo.

se tem sobre elas. De acordo os múltiplos cenários limítrofes da Região Platina, vão se desenvolvendo os movimentos e mesclas de português, espanhol e guarani (entre outras manifestações, resultando no chamado portunhol).

Os meios de comunicação também participam como agentes ao representar e difundir essas lógicas do local fronteiriço – com amplitudes e objetivos variados. É o caso do periódico Folha Barrense, estudado a partir da coluna *Contos e Cuentos da antiga Barra do Quaraí*. Por meio da análise de Sequências Enunciativas, são apreendidos os significados presentes nas enunciações, bem como alguns dos posicionamentos do jornal e dos profissionais que nele atuam. Os sentidos são construídos percorrendo a historicidade das cidades e de seus moradores, com temática voltada à vida social e cultural fronteiriça.

As autoras assinalam que a própria elaboração informativa analisada está inserida em um espaço marcado por uma fronteira cultural, considerando que é apresentada em uma coluna não noticiosa dentro do jornal (aproximando-se mais da literatura e do ficcional). Além da observação quanto à importância de o jornalismo considerar a diversidade linguística de maneira mais efetiva, fazem referência à expectativa por avanços em ações educativas do Mercosul, com vistas a favorecer a aceitação e circulação das línguas, especialmente em territórios próximos às divisas internacionais.

Ampliando o olhar investigativo, o debate sobre as redefinições das fronteiras socioculturais, políticas e econômicas, também aparece a partir da realidade Brasil e Haiti, especificamente, do fluxo migratório de haitianos, com atenção especial à situação ocorrida em 2010, na região fronteiriça entre Brasil e Peru, e alguns desdobramentos posteriores, como as narrativas midiáticas construídas acerca dessa alteridade. Nesse sentido, tem destaque o uso que esses migrantes fazem do comunicacional e do midiático para apresentar experiências e percepções, construindo suas próprias narrativas, a intensa utilização da internet, por meio de redes sociais, listas de e-mails, produção de blogs, com informações e finalidades diversas.

O capítulo aborda a articulação entre diferentes atores e entidades que vem acontecendo com o objetivo de questionar tanto a postura do governo brasileiro quanto a da mídia, em suas coberturas, com relação aos imigrantes haitianos, exigindo um tratamento humanizado a essa imigração. As intervenções buscam estabelecer iniciativas de solidariedade e reivindicam discussões sobre, por exemplo, as leis de migração e as abordagens midiáticas que, não raras vezes, segregam os sujeitos que ingressam no Brasil.

As reflexões explicam que é simplista relacionar os fluxos migratórios e suas motivações apenas a aspectos econômicos, como pobreza e desemprego. No caso do Haiti, pode-se mencionar, entre outros aspectos, o estreitamento das fronteiras com o Brasil, por meio das tropas do exército enviadas ao país e de ações desenvolvidas por Organizações Não Governamentais (ONGs), em períodos anteriores e posteriores ao terremoto em 2010. A essa vinculação, também podem estar relacionados elementos da cultura compartilhados por ambos os povos, como a origem africana, a música e o futebol. A conjuntura geopolítica intervencionista estadunidense é outra realidade que precisa ser considerada quando se pensa os cenários que conformam essas migrações.

Intitulada *As fronteiras na mídia impressa, televisiva e digital*², a segunda sessão enfatiza o cenário midiático, pontuando elementos e representações advindas do jornalismo impresso, digital e televisivo, abrangendo, ainda, algumas transformações pelas quais vêm passando. Traz perspectivas que falam sobre a fronteira a partir dela própria (jornalismo local) e outras que a representam a partir de espaços distantes (o que acontece, por exemplo, com o jornalismo nacional ao elaborar assuntos internacionais – como no caso analisado a partir do jornal *O Estado de São Paulo*).

Considerando as fronteiras nacionais e culturais, as problematizações dão conta de apresentar temáticas abordadas pelos veículos, algumas categorias de análise encontradas, discursos e sentidos construídos pelo jornalismo, princípios e critérios que organizam e articulam a prática jornalística e as notícias veiculadas. Também, o modo como as empresas administram os acontecimentos e os profissionais, por exemplo, deslocando repórteres, correspondentes, enviados especiais, e como estabelecem prioridades e hierarquizam as informações segundo os acontecimentos e territórios.

Com foco no âmbito internacional, explica como o jornalismo se apropria de certos elementos para interpretar o mundo. O viés do conflito ilustra tal situação, com o jornalismo se nutrindo dos confrontos da vida real. Temas que são previstos e podem ser agendados (eleições, posses) frente aos que são inesperados (catástrofes, acidentes, terrorismo), bem como a presença de questões relacionadas a relações de poder e limites territoriais, vigilância e soberania dos países.

As reflexões desse capítulo também explicam que, na mídia local, o conflito tem outro peso, pode-se dizer que o enfoque é suavizado. Geralmente,

2 Com as seguintes reflexões “Queremos construir pontes, não cercas”: *jornalismo internacional, conflito e território*, de Angela Zamin; *Mídia local fronteira: do impresso ao on-line*, de Karla Maria Müller; e *Televisões fronteiriças: comunicações compartilhadas*, de Marcelo Vicente Cancio Soares.

temas voltados à editoria policial costumam ter uma abordagem mais amena. Em alternativa, assuntos de interesse dos habitantes fronteiriços, como saúde, educação, problemas sociais, eventos culturais, recebem atenção especial. São esses meios que dão voz às sociedades limítrofes, mostrando suas necessidades e seus problemas, divulgando elementos compreendidos nos dois lados da divisa entre os países.

O poder e a penetrabilidade da televisão, por exemplo, são referenciados, por meio de exemplos de emissoras fronteiriças de diferentes locais da América do Sul. As características gerais desse meio de comunicação de massa possibilitam que as informações cheguem onde o sinal alcança, transpondo limites geográficos estabelecidos burocraticamente. Somado a isso, os aspectos específicos das emissoras de regiões limítrofes permitem que as programações sejam compartilhadas por países vizinhos, divulgando fatos e situações e construindo um conhecimento simultâneo aos dois lados da fronteira. Conforme é afirmado no texto, a tela da TV passa a apresentar a cultura e as raízes fronteiriças, a especificidade do cotidiano e dos habitantes do lugar, podendo revelar novos atores sociais, personagens, histórias, identidades, comuns aos povos.

No jornalismo fronteiriço, estão presentes lógicas e estratégias desenvolvidas pelo jornalismo do interior (características como escassez de profissionais especializados, organizações relativamente pequenas, forte ligação com os moradores da cidade, distância dos grandes centros, dificuldade de se manter, etc.). Com os jornais impressos sentindo a necessidade de se transformar e adentrar o ambiente digital com versões online de suas publicações, as mudanças vão além desse aspecto de produção de conteúdo e se referem a lógicas estruturais e organizativas das empresas. Contudo, ainda são bastante amadoras e deixam a desejar (muitas vezes, há apenas transposição informativa e carência no uso das potencialidades oferecidas pelo digital).

Mesmo com essas limitações, somados a aspectos como a relação com os anunciantes dos dois lados da fronteira, essas organizações midiáticas atuam como agentes do local, inseridas no cotidiano dos habitantes, reforçando culturas e identidades fronteiriças, contribuindo nos processos de aceitação da diversidade e de integração. Os autores indicam que a circulação de informações por meio da globalização de práticas e processos comunicacionais não encerra os modos regionais e locais de produção e transmissão informativas. Os meios de comunicação das cidades de fronteira continuam a existir e têm papel fundamental como agentes dessas comunidades, estimulando o compartilhamento de informações que possibilitam inter-relações sociais importantes.

Por fim, a terceira e última parte, *Rádio e fronteiras culturais*³, como indicado no título, apresenta características da radiodifusão, em toda complexidade que a realidade fronteiriça vivencia. Por exemplo, nos sinais que transpõem os limites burocráticos e chegam com relativa facilidade aos habitantes do território nacional vizinho, onde a legislação que regulamenta as ondas de rádio é diferente. Nesse sentido, a diversidade de emissoras possibilita multiplicidade de conteúdos e programações, favorecendo a propagação das informações, identidades e culturas locais. Todavia, também é motivo de controvérsia entre proprietários de rádios comerciais e aquelas que eles consideram piratas ou ilegais. Um cenário que envolve, inclusive, enfrentamentos jurídicos.

Compreende-se que nenhuma fronteira é igual a outra, há inúmeros elementos que fazem cada uma distinta das demais, como localização geográfica, manifestações culturais, conformações históricas, entre outros. Além disso, elas se mantêm em construção, a partir de elaborações próprias do lugar e também daquelas advindas de quem as atravessa. A singularidade das fronteiras extrapola qualquer possível definição fixa, exata, inequívoca.

Apesar de os textos admitirem que os processos de radiodifusão são sistemas heterogêneos, há características que são comuns, como as rotinas de produção das notícias, critérios de seleção informativa, lógicas de noticiabilidade dos fatos, as dificuldades que o radiojornalismo enfrenta, carências estruturais e de profissionais qualificados, dependência dos poderes regionais enquanto anunciantes e patrocinadores. Por outro lado, a proximidade dos países oportuniza intercâmbios entre os locutores e profissionais que atuam nas emissoras, bem como, obviamente, inúmeras trocas com os públicos e as comunidades. Além disso, nessas regiões existe a possibilidade de mesclar dois ou três idiomas e manter o entendimento e a comunicação com a pluralidade de ouvintes.

Os autores, em um sentido plural, entendem a mídia como participante nos processos de sociabilidade, atuando como instrumento e agente integrador. Por sua vez, o fenômeno radiofônico se mostra uma prática comunicacional e cultural histórica, construindo-se a partir de possibilidades geográficas, tecnológicas, jurídicas, etc., e de demandas que se manifestam nas regiões. Ainda, como atividade dinâmica que se desenvolve constantemente e serve de voz para os sujeitos do

3 Traz os textos *Implicações (i)legais da radiodifusão na fronteira São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG): o caso da Rádio Aurora FM*, de Joel Felipe Guindani e Tiago Costa Martins; *Radiojornalismo na fronteira: especificidades na produção e disseminação do conteúdo jornalístico*, de Daniela Ota; e *Fronteiras culturais: o papel do rádio fronteiriço*, de Vera Lucia Spacil Raddatz.

lugar, contribui para reforçar as identidades e difundir as realidades fronteiriças muito além dos entornos geográficos, praticamente, alcançando o mundo todo (pela presença no âmbito digital).

Identifica-se, nesses meios, uma capacidade de contribuir com a autoestima das comunidades, por retratarem elementos positivos dessas regiões, traços de sua cultura, músicas, linguagem, cotidiano (em detrimento de mídias que abordam as fronteiras de modo pejorativo, ressaltando aquilo que possuem de mais frágil e adverso). Essas dinâmicas e articulações criam sentidos de pertencimento que espelham as fronteiras culturais existentes, as práticas socioculturais manifestas nos cenários limítrofes, aproximando locutores e ouvintes por meio da partilha de um mesmo repertório cultural, linguístico, social, vivido e experienciado.

O enfoque na comunicação local e o alcance nas comunidades mais distantes somados à importância da oralidade, mobilidade e instantaneidade, conferem ao rádio aspectos fundamentais no contexto fronteiriço. Um meio que mantém suas características “originais” ao mesmo tempo em que introduz as lógicas da internet, informatização e digitalização, estabelecendo relações imediatas com noções de interculturalidade, identidades e alteridade, com os atravessamentos entre o “nós” e os “outros”. Desse modo, há uma apropriação e ressignificação por parte dos povos do lugar, com o rádio assumindo um papel junto à organização social, política, econômica e cultural dos lugares em que se estabelece, inclusive atuando em processos de construção da cidadania.

O livro é de interesse de pesquisadores, professores e estudantes que se debruçam sobre o estudo das fronteiras e suas particularidades. A atualidade da obra, bem como de referências utilizadas pelos autores possibilitam reflexões sobre diferentes perspectivas de investigação que atravessam o mote das fronteiras nacionais/internacionais e as relacionam com temáticas contemporâneas, como cultura, migrações, representações, alteridade, identidades.

Ainda, traz contribuições para pensar as regiões limítrofes além de abordagens estereotipadas que as representam como espaços periféricos, propensos a crimes, tensão e perigo, ou locais desacreditados, referenciados por meio de ironia e negligência, como inferiores, se comparados às regiões centrais dos países. A análise das formas simbólicas evidencia elementos específicos da vivência do lugar, como a fragilidade econômica (em parte, representada pela oscilação da moeda e do câmbio), a marca da inter-relação de povos vizinhos (em aproximações e repulsas; na afirmação de identidades nacionais), o foco em temáticas e abordagens amenas sobre a realidade do lugar, os acontecimentos que transitam entre as categorizações local, regional, nacional e, inclusive, internacional, de acordo com o interesse

atribuído às coberturas. Essas e outras tantas características são colocadas em discussão nas reflexões da obra “Comunicação, Cultura e Fronteiras”.

Pode-se afirmar que as pesquisas desenvolvidas e apresentadas captam uma essência da fronteira, que os autores são capazes de sistematizar e transmitir nos textos – como as similaridades e diferenças manifestas no contato entre nações e povos vizinhos. Por meio do relato de observações e análises que consideram o sujeito e a mídia do lugar, sua cultura, linguagem, modo de ser, vivências e trocas cotidianas, práticas e elaborações comunicacionais, os artigos oferecem aos leitores o registro de elementos distintos que retratam as especificidades do local e do modo como é construído midiaticamente.

REFERÊNCIAS

RADDATZ, Vera L. S. ; MULLER, K. M. . **Comunicação, cultura e fronteiras**. 1.ed. Ijuí: Unijuí, 2015. 221p.

Data de recebimento: 04/11/2015

Data de aceite: 01/10/2015